

FACULDADES INTEGRADAS JACAREPAGUÁ  
PÓS-GRADUAÇÃO À DISTÂNCIA - ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU  
PÓLO MACEIÓ

MARIA CHRISTINA DE FREITAS CAVALCANTI RABELO

**A PINACOTECA UNIVERSITÁRIA E A DIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA:  
EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO**

MACEIÓ

2013

FACULDADES INTEGRADAS JACAREPAGUÁ  
PÓS-GRADUAÇÃO À DISTÂNCIA - ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU  
PÓLO MACEIÓ

MARIA CHRISTINA DE FREITAS CAVALCANTI RABELO

**A PINACOTECA UNIVERSITÁRIA E A DIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA:  
EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO**

Trabalho apresentado ao Curso de especialização  
em artes, Faculdades Integradas Jacarepaguá, sob  
orientação da Prof.<sup>a</sup> Maria Cecília Alves Galvão.

MACEIÓ

2013

*A função da obra de arte*

*Não é passar por portas abertas,*

*Mas abrir portas fechadas.*

*Manifesto do Vivarte, Maria Amélia Vieira. 1984-85*

## AGRADECIMENTOS

À Geísa Brayner, diretora da Pinacoteca  
Universitária, e a Tatiana Almeida,  
Museóloga, pelo apoio, paciência e incentivo.

Ao meu filho,  
motivação sempre presente.

## RESUMO

A monografia trata da trajetória da Pinacoteca Universitária da Universidade Federal de Alagoas, criada em 1981, tendo completado seus trinta anos de existência em pleno funcionamento e enfoque contemporâneo. O trabalho foi dividido em duas fases: 1981 a 1995 e 1996 a 2010, buscando oportunizar a leitura de sua história, deslocamentos, mudanças de percurso, expansão e consolidação, a fim de encadear acontecimentos que venham a ser úteis àqueles interessados na área. Não houve a pretensão de analisar artisticamente as exposições ocorridas nesses períodos, tarefa que cabe aos curadores e especialistas em arte. As mostras foram citadas de forma descritiva, acompanhando a cronologia dos fatos apresentados. A conclusão da proposta pode ser traduzida por seu título, que afirma a expansão e consolidação da Pinacoteca Universitária ao completar seus trinta anos de história bem vividos.

**Palavras-Chave:** Pinacoteca Universitária. Arte Contemporânea. Expansão. Consolidação.

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 – JUSTIFICATIVA</b>	<b>10</b>
<b>3 – OBJETIVOS</b>	<b>12</b>
3.1 – GERAL	
3.2 – ESPECÍFICOS	
<b>4 – METODOLOGIA</b>	<b>13</b>
<b>5 – PRIMEIRA FASE – 1980 A 1995</b>	<b>14</b>
<b>6 – SEGUNDA FASE – 1996 A 2010</b>	<b>26</b>
<b>7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>42</b>

## 1 – Introdução

Tendo em vista a escolha do tema desta monografia tratar da arte contemporânea como direcionamento da Pinacoteca Universitária da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, desde sua reabertura em 1999, importante se faz tentar defini-la para que possamos tratá-la não somente como a que se faz atualmente, mas a que evoluiu em suas manifestações, apresentando suportes diversos, inclusive aliando-se à tecnologia e gestando novos conceitos como o artista multimídia, aquele que dialoga com diversos meios em seu trabalho.

Os estudos disponíveis sobre o tema fixam a década de 1960 como seu início, juntamente com o aparecimento da arte pop e do minimalismo, numa ruptura com as características da arte moderna, o que foi interpretado como pós-modernismo. A partir de então, não se pode mais entender a arte apenas nas categorias escultura e pintura, por exemplo, já que as obras articulam diferentes linguagens como a música, a fotografia, a dança, dentre outras. Porém, podemos identificar no curso da história que artistas de fases anteriores tentaram redefinir o significado de arte, ampliando a definição buscando incluir conceitos, materiais e técnicas, antes não associadas a ela. Uma semente está em 1917, quando o francês Marcel Duchamps expôs um urinol como objeto artístico.

Outro aspecto a ser observado é que a cena contemporânea se dirige mais intensamente às coisas do mundo, à realidade urbana, à reflexão quanto aos percalços da sociedade e seu *modus vivendi*. O belo, em seu sentido literal, não necessariamente está presente nas obras, sendo permutado pelos questionamentos humanos atuais, nem sempre *construídos* em suportes tradicionais como a tela. A utilização da tecnologia, através de vídeos, TV e computação, perpassam muitas produções artísticas, num misto de arte e ciência, cujo resultado pode levar à discussão onde uma começa e a outra acaba, ou se a simbiose é apenas fruto da evolução da arte. Tudo vai depender da visão do espectador, de sua bagagem no assunto, sua sensibilidade e abertura para o novo.

A interatividade entre a obra e quem a observa é outra característica inerente à contemporaneidade. A contemplação, apenas, ficou restrita a outras épocas, ou àquelas obras que não permitem esse *relacionamento* por serem intocáveis, ou por não terem essa proposta. A interação arte/ espectador já suscitou diversas polêmicas até sobre quem é o artista, considerando que há obras que podem ser até modificadas, alterando imagens e cores escolhidas inicialmente, e não simplesmente tocadas.



A arte é território livre, no sentido da aceitação e percepção de cada indivíduo, mas é claro que exerceu e exerce um grande fascínio na humanidade, visto o grande público que visita museus, no mundo todo, e no caso brasileiro, às Bienais Internacionais que se realizam em São Paulo, desde 1951, estando na 30ª edição neste ano, onde as obras, muitas vezes, surpreendem pelo inusitado. Em outro aspecto, a liberdade conquistada pela própria arte, apesar das controvérsias, foi um ganho alcançado quando passou a *servir* a si própria, sem as amarras políticas ou religiosas que a cercearam por muitos séculos. Porém, isto não quer dizer que se tornou acéfala ou sem ideologia e, sim, que houve terreno profícuo para a atribuição de outros significados inerentes a ela.

Todo esse cenário acrescentou mais elementos ao debate sobre a própria definição do que é arte. Para os mais conservadores, o que é feito atualmente, com algumas exceções, não se trata de objeto artístico, tanto por não ser a representação do real, noção relacionada ao conceito, como por fugir às próprias convicções estéticas que a pessoa assimilou. Não é incomum às galerias e museus, ao realizarem exposições de arte contemporânea, principalmente em regiões menos favorecidas por circuitos artísticos e vida cultural efervescente, questionamentos sobre a *qualidade e valor* das obras expostas.

A Pinacoteca Universitária, ao realizar suas Mostras, também convive com as dúvidas e embates sobre estas formas diferenciadas de analisar e perceber o fazer artístico, buscando exercer seu papel de forma educativa, até por estar inserida em uma instituição de ensino, e consolidar seu perfil na comunidade artística, educacional e público em geral.

## 2- Justificativa

A tarefa de divulgação e expansão da arte contemporânea como enfoque da Pinacoteca Universitária, a partir de 1999, trouxe em seu contexto a preocupação pedagógica, em âmbito contínuo, na medida em que julga ser necessária a oferta de espaços para a vivência artística, fundamental no tocante às artes, no caso, as visuais. Cabem aos museus, galerias e afins oferecer, com suas pautas abertas à visitação de exposições permanentes ou temporárias, esse suporte imprescindível à formação de senso crítico e estético, desenvolvimento da sensibilidade, além da iniciativa no sentido da formação de público.

A afirmação, praticamente consensual, que oportunizar locais públicos para o exercício artístico é pertinente, leva a pergunta: estarão os indivíduos (crianças, jovens e adultos) preparados para esse encontro, às vezes o primeiro e, tantas vezes, desestimulador com o contemporâneo? Não é incomum, ao saírem de algumas exposições, muitas pessoas se indagarem quanto ao que foi observado e, até mesmo, quanto ao seu conhecimento na área, julgando-se *de pouca cultura*, não percebendo na produção atual questões que nos dizem respeito. Um dos motivos para esse fato é a aparente falta de conexão com aquilo que tradicionalmente foi ensinado como arte e também o despreparo para esse contato, que deve ser desenvolvido nas escolas e instituições.

Há pessoas que, desde cedo pelo seu interesse natural pela arte, procuram se munir de informações, acompanharem o que acontece em seu entorno e, quando possível, fora dele, enfim trazem em sua bagagem instrumentos para se deparar com o não tradicional. Porém, essa não é uma realidade para todos, principalmente em um país em que milhões não tem acesso ao consumo básico para a sobrevivência, quanto mais para consumir cultura.

O que fazer diante dos fatos? Como negligenciar a arte como elemento formador do ser humano? Às escolas cabe o papel de inserir, cada vez mais, em seus currículos conhecimentos e práticas relativas ao tema, sua evolução, seus caminhos, para que não haja um hiato que gera um abismo entre os movimentos artísticos, pois embora de características diferentes, representam um percurso histórico. Exemplificando, o final do século XIX trouxe algumas peculiaridades hoje identificadas na arte contemporânea, como a ênfase na originalidade, a valorização da tecnologia moderna, a atração pelo primitivo e pela arte popular.

Quanto às instituições culturais recai também um importante serviço quanto ao procedimento a ser adotado para que sejam espaços educativos, democráticos e proativos em

um processo de parcerias públicas e privadas. Suas atividades não devem ser prescritas, meramente, a realizar exposições, no caso, conceitualmente contemporâneas: mesmo que sejam de outra natureza devem planejar atividades pedagógicas a fim facilitar o entendimento e a captação de espectadores.

A Pinacoteca Universitária, visando oferecer mais que mostras contemporâneas, vem procurando intensificar os laços, principalmente com a comunidade estudantil, através das escolas, em projetos como A Escola vai à Pinacoteca, Amigos da Pinacoteca e mais recentemente, incluída no Circuito Cultural promovido pela Coordenação de Assuntos Culturais da Pró-Reitoria de Extensão da UFAL. Essas ações tem gerado, em primeiro lugar, o conhecimento da existência de um espaço dedicado à contemporaneidade, inclusive para crianças e jovens que nunca antes haviam ingressado em museus e galerias. A democratização desses locais é fundamental para a desmistificação de que só devem ser visitados por artistas ou intelectuais que detém o saber artístico, portanto apartados da vida das pessoas que não pertencem a esse círculo. Dessacralizar o objeto de arte, sendo intermediador quando se faz necessário, pode se contrapor a idéia de que toda obra de arte fala por si, o que é uma moeda com suas duas faces. Há ocasiões, principalmente no processo pedagógico, em que o artista, o professor ou o monitor podem oferecer importantes informações para os espectadores tiraram suas próprias conclusões e, claro, gostarem ou não do que está sendo exposto.

A monografia que se seguirá tem a pretensão de relatar a trajetória da Pinacoteca Universitária desde o embrião em 1980, sua criação em 1981, se fixando no período iniciado com a reabertura, no ano de 1999, até o ano 2010, pois é possível detectar nessa fase o processo de expansão, consolidação e divulgação da arte contemporânea em Alagoas, como opção preferencial pelos novos suportes trazidos em seu bojo, bem como a preocupação pedagógica de aproximá-la de um público a ser conquistado, além de discutir permanentemente, através de diversas atividades correlatas, o fazer artístico e outras formas de expressão.

### **3- Objetivos**

#### **3.1 - Geral**

Relatar a trajetória da Pinacoteca Universitária da Universidade Federal de Alagoas, com ênfase no seu enfoque contemporâneo, firmando-se como espaço de divulgação e expansão da arte em Alagoas.

#### **3.2 – Específicos**

- Descrever as fases da Pinacoteca Universitária, desde sua criação até o ano de 2010, consolidada na cena artística alagoana.
- Identificar as diversas atividades realizadas pela Pinacoteca Universitária que contribuíram para a sua expansão, bem como para a divulgação do fazer artístico no estado.
- Registrar, por meio deste trabalho, a história da Pinacoteca Universitária, oportunizando auxiliar possíveis consultas sobre sua trajetória.

#### 4 – Metodologia

Quanto à metodologia que será utilizada na monografia pretendida faz-se necessário classificar a pesquisa, de acordo com os itens reconhecidos cientificamente, a fim de demarcar a intenção do trabalho e seu alcance.

No tocante à natureza podemos afirmar tratar-se de uma Pesquisa Básica, pois embora enfoque o trabalho de uma instituição local, no caso a Pinacoteca Universitária, visa verdades e interesses universais, como a arte e suas funções cultural e educativa.

A abordagem aplicada será a da Pesquisa Qualitativa, visto que a Pinacoteca Universitária é a fonte direta para obtenção dos dados que respaldarão os objetivos elencados. A descrição das fases da instituição se constitui em outra característica deste método, onde se pretende dividi-la em duas etapas para melhor compreensão do processo de expansão e consolidação. Os fatos que conduziram ao atual patamar, sua interpretação e significado são fundamentais para o entendimento do que se pretende aqui demonstrar.

Trata-se, também, quanto aos objetivos, de Pesquisa Explicativa, por procurar identificar os fatos que levaram à Pinacoteca Universitária, após 1999, a expandir sua atuação, bem como seu espaço físico, reafirmando-se artisticamente. As atividades realizadas, que serão descritas, contribuirão sobremaneira para que sua consolidação seja observada e referendada por aqueles que a frequentam e que por ela passaram. A observação, respaldada nos acontecimentos, é instrumento eficiente para a obtenção das conclusões.

Os procedimentos técnicos para a pesquisa se reportarão à Pesquisa Bibliográfica, embora não exista material em quantidade sobre o tema proposto. Mas, serão utilizados livros que abordam a Pinacoteca Universitária em sua primeira fase, ou que fazem menção a ela em algum capítulo, como em uma tese de doutorado sobre a arte alagoana. Também artigos de periódicos serão úteis para a pesquisa, bem como relatórios de atividades realizadas e elaborados pela direção da instituição. As entrevistas com ex-diretores e atual direção oferecerão um panorama abrangente dos fatos e opiniões acerca do percurso transcorrido.

## 5 – Primeira fase – 1980 a 1995

O início da década de 80, em Alagoas, é o cenário inicial onde se torna necessária uma breve descrição das condições sócio-econômico-culturais vigentes à época, a fim de situar o panorama e as condições artísticas de então.

A década em pauta conduz ao retrato de um estado dependente da agroindústria canavieira, situação que ainda em parte persiste, buscando, porém, como estratégia para alavancar seu desenvolvimento, lançar-se pelos caminhos da diversificação, com a exploração industrial de matéria prima disponível na região, salgema, voltada maciçamente para o mercado externo. A indústria que se denominava Salgema Indústrias Químicas S.A. atraiu novas micro e pequenas empresas e era considerada uma das raras a investir em eventos artísticos e culturais.

O turismo também representou outra alavanca desenvolvimentista, tendo esse período apresentado um boom turístico, por meio de amplo trabalho de propaganda jornalística, respaldado na beleza natural do estado, nas comidas típicas, no folclore, no artesanato e, como não poderia deixar de ser, nas convidativas praias. A indústria sem chaminé representava uma alternativa viável para a economia estadual.

Apesar de esses fatores terem contribuído para o aumento significativo na formação da pequena classe média, também composta por funcionários públicos das diversas esferas, e na fixação de profissionais autônomos e especializados, a discrepância social persistiu na manutenção de bens concentrados, em baixos índices educacionais e sociais. Mas, embora a situação socioeconômica tenha permanecido basicamente a mesma por toda a década, a área cultural nesse período parece, por vezes, suplantar as dificuldades geradas pela realidade e proporcionar fatos marcantes, principalmente relativos às artes plásticas. No entanto, é possível detectar algumas características arraigadas, principalmente nos primeiros anos 80, que de uma maneira ou de outra levaram a sociedade a rejeitar ou estranhar as novas tendências que começavam a chegar tardiamente, como o abstracionismo. A experiência estética, proveniente dessa corrente, tanto por parte do artista, como do observador, fundamental para a comunicação não mediada por referenciais da realidade, pode ter acarretado estranheza a uma cultura caracterizada fortemente pelo figurativismo, pela representação do real e das coisas existentes. O uso costumeiro da arte ligando-a a temas, várias vezes, impostos aos artistas por patrocinadores ou galeristas, também cerceou e limitou o fazer artístico da época. Assim, o figurativismo permanece bastante inalterado nesse início,

embora alguns pintores já demonstrem, aos poucos, a influência de novas tendências, porém nem sempre resultado de um percurso construído, fruto de uma evolução artística pessoal.

Reportando-se à gênese da Pinacoteca Universitária a semente foi lançada em 1980, quando o Núcleo de Artes Plásticas da Universidade Federal de Alagoas – Ufal, que compunha o Núcleo de Cultura, iniciou suas atividades, realizando seminários e encontros, porém sem espaço físico destinado às artes plásticas e a contemporaneidade. Porém, essa lacuna foi sentida pelo Prof. Aloysio Galvão, responsável pela então Coordenadoria de Extensão Cultural, hoje Pró-Reitoria de Extensão, e pelo Prof. Rogério Gomes, também artista plástico e à frente do Núcleo de Artes Plásticas, que juntos encaminharam a questão ao Reitor, Prof. João Azevedo, cuja gestão iniciou o despertar mais acentuado para o tema. A sensibilidade e a visão dos três fizeram germinar a semente, passando a tarefa de buscar um local aonde poderia frutificar, no desafio de encontrá-lo, adequando-o às necessidades pertinentes à destinação. Importante, porém, ressaltar que mesmo antes da ideia de criação desse espaço, obras de arte já se encontravam distribuídas em diversos locais da Universidade, com finalidade decorativa, mas que deram início ao acervo da ainda gestada Pinacoteca.

A princípio pensou-se em ocupar um dos imóveis pertencentes à Ufal, na ocasião, mas a ideia não teve prosseguimento em virtude de trâmites burocráticos. A solução encontrada foi hospedar a Pinacoteca planejada no subsolo do Museu Théo Brandão, de acervo voltado para o folclore e a cultura popular, também pertencente à Universidade, fundado pelo professor, médico e folclorista de mesmo nome, que doou sua coleção à instituição. O prédio de estilo eclético, ocupado pelo museu até os dias atuais, data do século XIX e foi construído originalmente para abrigar tradicional família alagoana, tendo passado por outras destinações.



Fig. 1 - Cartaz de inauguração da Pinacoteca Universitária no Museu Théo Brandão.  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

A ênfase dada à arte contemporânea, desde o nascimento da Pinacoteca Universitária em agosto de 1981, tendo como seu diretor-fundador o Prof. Rogério Gomes, e o apoio institucional recebido, inclusive pela então diretora do museu, Carmen Lúcia Dantas, não a isentaram das dificuldades da opção, principalmente no tocante ao período e região de sua localização, onde o processo cultural de assimilação do novo era (ou ainda é?) mais lento. Mas, fazia-se necessário dar passagem ao processo histórico que a arte também percorre e não retroceder.

A exposição de inauguração em 24 de setembro de 1981, segundo livro de presença da época, embora exista convite e cartaz com data divergente, recebeu o título *Artistas de Alagoas*, tendo sido um evento simples. As obras, que percorriam os suportes da pintura, desenho e escultura, foram escolhidas pelo diretor e emprestadas por nomes locais como Fernando Lopes, Pierre Chalita, Hércules Mendes, dentre outros. A receptividade, até por parte dos artistas, foi considerada morna, em virtude dos motivos já expostos, como o conservadorismo do fazer artístico e conseqüente incipiência do contemporâneo. Cabe registrar que a figura do curador ainda era inexistente em Alagoas, no sentido formal, e, portanto, essa tarefa cabia aos diretores das instituições e aos próprios artistas.

As homenagens ao IV centenário de morte de Camões propiciaram a segunda exposição pós-abertura, em 15.11.1981, *Celebrações Camonianas*, sob a temática interpretativa do poema *Sete Anos de Pastor*, realizada por sete artistas, alguns participantes da primeira mostra, como Pierre Chalita, Hércules Mendes, além de Rogério Gomes. Roberto Lopes, Gaspar Luiz, Rosival Lemos e Getúlio Mota. Segundo Célia Campos (2000), dois artistas destacaram-se por diferentes razões: o persistente aspecto social da obra de Hércules Mendes, em sua evolução artística, com o uso de materiais diferenciados; e o caminho paulatinamente trilhado por Rogério Gomes para ser um dos primeiros pintores abstracionistas alagoanos.



Fig. 2 - Sete anos de pastor – Rogério Gomes  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária



Fig. 3 - Sete anos de pastor – Hércules Mendes  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária



Em 1982, por meio de convênio com a Funarte, é realizado curso com o professor e artista plástico baiano Jadir Freire, denominado Arte Proposta I, considerado um dos eventos mais importantes à época abrigados pela Pinacoteca. O uso de novas técnicas, a experimentação de materiais inusitados, a utilização de espaços abertos, numa interação entre a prática artística e o meio ambiente, foram alguns pontos relevantes do curso que obteve um público significativo. O resultado, em seu encerramento, deu-se em ampla exposição, Arte Proposta I – Novos Talentos, que ocupou o espaço físico da Pinacoteca e se expandiu até o passeio público, numa das maiores assistências. A mostra exibia não apenas as obras feitas no decorrer do curso, mas todo o processo artístico das experimentações plásticas realizadas, fato inédito para os visitantes. Embora nem todos os participantes tenham continuado no campo artístico, o evento refletiu em mudanças no modo de pensar e fazer arte.

Dando continuidade à busca por parcerias à Pinacoteca Universitária realiza em novembro de 1982, por intermédio do Museu Nacional de Belas Artes, com seu projeto Extra-Muros, exposição sob o título Introdução ao Conhecimento da Gravura em Metal, de caráter eminentemente didático e itinerante, que percorreu várias cidades brasileiras, inclusive Maceió.

Outras mostras ocorreram durante o ano de 1982, voltadas para a arte figurativa como Rumos da Figuração Alagoana – Pinturas e Desenhos; ou já com viés abstracionista como Arte em Alagoas, a Cor e a Forma; e também focada na arte primitiva em A Mística na Inventiva do Artista Primitivo em Alagoas.

O ano de 1983 é marcado pela organização de evento internacional na Itália, a exposição Alagoas um Estado do Nordeste do Brasil/ Alagoas Uno Stato Del Nord’Est Del Brasile, em convênio celebrado entre Ufal, Ministério das Relações Exteriores, Varig e CNPq, com o apoio de empresas como a Salgema, Sococo e do governo estadual. A programação previa a abordagem de vários aspectos do estado, como a economia, literatura, artesanato, arte, inclusive a popular. O projeto, que teve a coordenação de Rogério Gomes e Carmen Lúcia Dantas, contou com o empenho do Reitor João Azevedo e da embaixada brasileira em Roma e se realizou no Moseo Sant’Egideo, no período de 22.09 a 09.10.1983. Nomes como Maria Amélia Vieira, Manoel da Marinheira, Roberto e Fernando Lopes, Vicente Ferreira, Zezito Guedes, Gaspar Luiz, Maria Tereza Vieira, Hércules Mendes, Getúlio Motta, Rogério Gomes, Pierre Clalita, Lourenço Peixoto, Miguel Torres, Rosalvo Ribeiro, estes três últimos destacados artistas surgidos nas primeiras décadas do século XX, tiveram suas obras expostas, as quais algumas foram doadas ao acervo do museu italiano.

Voltando às terras alagoanas, além das exposições que continuavam a ocorrer, embora de periodicidade instável, considerando o ainda embrionário cenário artístico local, as tentativas de mudança na pintura persistem, inclusive com a criação de grupos, como o Anonimato, formado por ex-alunos de Jadir Freire, motivados pelo curso e pela mostra ocorridos em 1982. Porém, um dos que mais se destacou foi o Grupo Vivarte, iniciado em 14.06.1984, reunindo artistas oriundos de outros movimentos, buscando novas correntes estilísticas e na tentativa de abrir oportunidades no mercado da arte para os novatos de então. A Pinacoteca Universitária, que cedia espaço para suas reuniões, também foi palco de sua última exposição em junho de 1985, quando ironicamente comemorou seu primeiro aniversário, próximo a sua extinção em meados de julho do mesmo ano. Dentre os artistas que faziam parte do grupo estavam Maria Amélia Vieira, Dalton Costa, Ricardo Maia, Rosivaldo Reis, Paulo Caldas, Salles, Carmem Omena e Lula Nogueira, para citar alguns nomes daqueles que queriam renovar e inovar o panorama existente.

A instalação planejada e montada por Rogério Gomes, de nome sugestivo Um Brinde à Felicidade, por ocasião do lançamento do livro de mesmo nome da autora Maria Amélia Gama da Câmara Pessôa, foi considerada uma das primeiras a ser exibida em Alagoas, em 1984, diversificando as atividades da Pinacoteca, para além das exposições, com a realização de outras ocorrências artísticas.

O ano de 1985 destaca mais um evento que une literatura e arte com o lançamento do Livro de Graça, em conjunto com a exposição Humor e Arte, de três renomados chargistas e artistas Hércules Mendes, Manoel Viana e Nunes, iniciando o ano.



Fig. 4 – Convite da Exposição Humor e Arte e lançamento do Livro de Graça  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

Tendo como parceira a Secretaria de Cultura do Estado, a Pinacoteca Universitária recebe, em abril, a exposição Primitivos, do Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado de São Paulo, com obras de seu acervo. Vicente Ferreira, cearense radicado em Alagoas, onde viveu e morreu, e considerado como o melhor artista primitivo do nordeste, segundo texto contido no folder da mostra, teve uma das suas obras expostas, intitulada Mato Grosso, de 1979.

Em outubro de 1985, o professor e artista plástico Pierre Chalita realiza palestra na Pinacoteca, seguida de exposição sob o título Processos Plásticos de Expressão Artística – Pintura, Desenho, Colagem, Litografia, que contou com a participação de obras de cinquenta artistas brasileiros, com trabalhos intencionalmente heterogêneos, a fim de demonstrar os diferentes processos técnicos e a infinita possibilidade de expressão por meio da linha e da cor. Além de nomes representativos da terra constavam Aldemir Martins, Cláudio Tozzi, Vicente Monteiro, La Greca, Maria Bonomi, Bandeira de Mello.

A presença em Alagoas da artista polonesa, que imigrou para o Brasil na década de 30, Fayga Ostrower, mais precisamente na Pinacoteca Universitária e no Instituto Histórico e Geográfico, movimentou o ano de 1986, com o curso e exposição de litogravuras. Seu currículo justificava tal importância por ser ela de renome internacional, premiada em bienais como a de Veneza e de São Paulo. Professora por quase duas décadas de Composição e Análise Crítica no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, lecionou também em várias universidades brasileiras. O curso Criatividade, Análise Crítica e Problemas de Composição na Linguagem Visual, desenvolvido por Fayga, foi um dos pontos altos na área artística, assim como a palestra do professor e curador, Marcus de Lontra Costa, Múltiplos Aspectos da Arte Contemporânea, no ano em que a Ufal completava vinte e cinco anos de criação.



Fig. 5 - Sem título – Fayga Ostrower  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

O ano de 1987 transcorreu na Pinacoteca Universitária com a realização de algumas exposições, as quais não há registro documental suficiente, podendo ser citadas apenas nominalmente, como: Projeto Arte Brasileira: Obras dos anos 20 e 30, em convênio com a Funarte; Acervo – Arte em Alagoas; O Espírito Moderno da Arte em Alagoas. A exposição de Francisco Oiticica Filho, Desenho à Têmpera, embora com promoção da Pinacoteca, foi instalada no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Outras atividades nesse período foram o curso A Estética do Espírito Moderno, de 06 a 10.04, desenvolvido por Marcus de Lontra Costa e, em maio, palestras de Rogério Gomes e Cármen Lúcia Dantas, versando sobre a Nova Conceituação Estética na Arte de Alagoas, Criatividade e Novos Conceitos Estéticos e Maria Tereza Vieira – O Artista e a Obra, alagoana que se radicou no Rio de Janeiro, onde existem Instituto e Centro de Artes que levam seu nome, em sobrado doado pela Prefeitura.

Iniciando a pauta de 1988 o acervo, que vinha sendo construído por doações ou compra, inclusive através de convênio com a Funarte, permanece por vários meses aberto à visitação, tendo em vista que novos ventos sopriariam, anunciando mudanças físicas à vista. O compartilhamento de espaços com o Museu Théo Brandão, grande anfitrião, perdurou de agosto/setembro de 1981 até setembro de 1988, quando mais amadurecida a Pinacoteca Universitária passou a ocupar o andar superior do prédio do atual Espaço Cultural da Ufal, antiga Reitoria, no centro da capital. Tal fato se deu na gestão da Reitora Delza Gitaí que, como seu antecessor, aprovava a iniciativa e desenvolvimento da Pinacoteca.

A exposição de abertura na nova localização, em 31.10.1988, Quatro Vozes, era composta por David Largman, carioca, Jadir Freire, baiano, Mário Azevedo, mineiro, e Rogério Gomes, alagoano, sendo considerada uma mostra de intercâmbio cultural. Os dois primeiros artistas ligados às vertentes expressionistas e os dois últimos, de experimentações geométricas, de origem construtivista, abrem novas perspectivas de conhecimento estético sobre o que estava sendo feito em outras regiões, trazendo a confirmação do abstracionismo (Célia Campos, 2000).

Tratava-se de uma mostra itinerante, iniciada no Museu de Arte Moderna da Bahia, percorrendo, além da Pinacoteca, a Galeria Metropolitana de Recife, o Museu de Arte Moderna de Minas Gerais, em Belo Horizonte, o Museu de Arte Moderna do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e a Galeria Rodrigo Mello Franco/Funarte, no Rio de Janeiro. O evento com pintores de fora, como outros realizados em galerias da cidade, que bravamente lutavam pela sua manutenção, oportunizaram a troca de experiências tão vitais para os artistas jovens do estado. Também representou um compromisso com a modernidade, apesar das restrições

da terra, iniciado com Lourenço Peixoto, desde 1928, com o movimento da Arte Nova em Alagoas (Cármen Lúcia Dantas, 1992).



Fig.6 - Ou isto ou aquilo IV – Jadir Freire  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária



Fig.7 - Sem título – Mario Azevedo  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

O ano de 1988 finaliza com dois acontecimentos: a exposição fotográfica de Juez Cavalcanti e a realização do I Festival de Arte da Comunidade Universitária, sob a organização da Pinacoteca Universitária. A fotografia vinha adquirindo, nos últimos anos, lugar de destaque no panorama das artes visuais, ocupando seu espaço em exposições internacionais e nas bienais da época. A Presença Negra no Cinema Brasileiro, de autoria do fotógrafo alagoano citado acima, participante de mostras individuais e coletivas, como a 2ª Bienal Nacional de Arte Fotográfica e a I Fotonordeste, foi promovida em parceria com o SESC. A exposição, que percorreu quatorze estados brasileiros, trazia vinte e cinco fotografias em preto e branco, como parte das comemorações alusivas ao centenário da Abolição da Escravatura. Apesar de abordar tema histórico específico, consegue imprimir no material exposto o caráter documental e plástico, ao mesmo tempo, em uma comprovação da competência de Juez Cavalcanti em retratar, sem esquecer a responsabilidade social da arte.

O segundo evento aludido reuniu obras das diversas áreas da cultura, como a pintura, escultura, fotografia, literatura, artesanato, arquitetura, instalação, e até computação gráfica. A única exigência do Festival tratava da obrigatoriedade dos participantes serem alunos, professores, ou funcionários da Ufal, não tendo sido as propostas submetidas a nenhum outro critério. A curadoria realizada pela Pinacoteca, por sua vez, conseguiu conduzir a bom termo a exposição, diante da diversidade de temas, buscando garantir o equilíbrio estético do conjunto. É compreensível que uma mostra eclética, marcada pela heterogeneidade dos

trabalhos, apresente diferentes estágios de domínio técnico, mas a iniciativa não objetivava esse tipo de avaliação e, sim, o conagração artístico e a participação de todos que se propuseram. Alguns são hoje artistas plásticos, escritores e fotógrafos de renome no estado, tendo continuado a percorrer os caminhos escolhidos dentro do universo da arte.

A exposição Alagoas Hoje, apresentada no ano anterior no Hotel Copacabana Palace, Rio de Janeiro, com curadoria de Cármen Lúcia Dantas, por ocasião da Conferência Intermediária da Associação Internacional de Universidades, iniciou a pauta de 1989 da Pinacoteca Universitária. A Universidade Federal de Alagoas havia participado do evento em 1988, com o propósito de oferecer o panorama de alguns aspectos mais significativos da cultura popular e erudita do estado, tendo dividido a mostra em três segmentos, a saber: científico-cultural, correspondendo à produção intelectual da Ufal; artes plásticas, com o acervo de artistas alagoanos da Pinacoteca; e mostra de filmes documentários em vídeo cassete sobre as diversas manifestações populares alagoanas, sob a ótica artística e etnográfica.

A versão oferecida à Maceió contemplou dois segmentos, o de artes plásticas e o de filmes documentários. O primeiro buscou expor artistas alagoanos que desenvolvessem uma linguagem estética já apartada do academicismo e dos temas folclóricos, mais sintonizados com as vanguardas. Dalton Costa, Maria Amélia Vieira, Reinaldo Lessa e Rogério Gomes representavam esse grupo. O segundo segmento foi registrado pela câmera de Celso Brandão, cujas imagens fazem parte do acervo da filmoteca do Museu Théo Brandão. Nas lentes do cineasta, que foi assistente de direção do filme Bye, Bye, Brasil, de Cacá Diegues, o homem folk é apresentado em seu cotidiano, no colorido dos folguedos, nas técnicas artesanais.



Fig. 8 – Foto do Catálogo da Exposição Alagoas Hoje  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

O crítico de arte alagoano, Romeu de Mello Loureiro, por ocasião da exposição Alagoas Hoje, realizou mesa-redonda na Pinacoteca Universitária, objetivando assinalar as novas expectativas dos artistas alagoanos diante do cenário artístico nacional, abrindo espaço para debate com o tema Novas Propostas Estéticas.

Roberto Ataíde, com sua Coletiva Solitária, expõe dezoito trabalhos em acrílico sobre tela ou duratex, dando continuidade a pauta do ano de 1989. A explicação em relação ao título foi dada pelo artista ao tratar do vazio humano em meio às grandes cidades, situação que sempre parece atual. Comprometido com a pesquisa de novos materiais, transitou bem em diversas técnicas, como demonstraram suas experiências em pastel, aquarela, carvão e óleo. Participou também da Cruzada Plástica, movimento originário do Vivarte que, como foi dito anteriormente, marcou importante momento da vanguarda dos anos 80.

Finalizando o ano, Lily Kapetanakis, artista grega, nascida em Atenas e que a partir da década de 80 dividia sua vivência entre a terra natal e Maceió, realiza na Pinacoteca Universitária exposição com a série Corpos, que tem como temática a figura humana em movimento. Fruto do amadurecimento artístico e já sob reduzida influência do meio ambiente nordestino, que a princípio lhe inspirou sobremaneira, ficou a sedução pela luminosidade dos trópicos, seu colorido, além da renovação de uma herança cultural, caracterizando essa mostra.



Fig. 9 - Sem título – Lily Kapetanakis  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

O percurso dos últimos meses dos anos 80 assinala, na capital, um clima artístico que oscilou entre longos períodos de marasmo e outros de agitação. As exposições se alternavam



em exibição de acervos, amplas coletivas ou escassas individuais de destaque (Célia Campos, 2000). Novos ventos soprariam para a Pinacoteca Universitária, trazendo mudanças de rota.

O primeiro ano da década de 90 marcaria a saída do, até então, diretor Rogério Gomes, se ausentando para tratar de sua carreira como artista plástico, que demandava de mais tempo, além das atribuições como professor universitário. A exposição Rogério Gomes – O Alquimista de Idéias soou como uma despedida do espaço que idealizou e criou, reforçando também a forte tendência concretista já direcionada a uma cidade do futuro, que caracterizaria sua obra. Seu espírito em constante busca e experimentação leva-o a se interessar pela pesquisa de materiais que se unem à pintura, a ponto de desenvolver técnica de colagem com exímia habilidade, numa perfeita simbiose entre a transposição dos pigmentos de uma gravura em papel para a superfície de uma tela. Além dessa mostra, o acervo da Pinacoteca, então intitulado Arte em Alagoas, foi novamente exposto, não havendo registros de exposições artísticas significativas nesse ano.

A Pinacoteca Universitária, a partir de 1991, sob a direção do artista plástico Pierre Chalita, inaugura em maio a mostra 8 Pintores em Alagoas, nas comemorações dos trinta anos da Ufal, com obras pertencentes ao acervo da Fundação Pierre Chalita. Foram expostas vinte e quatro telas de oito artistas que viveram entre o final do século XIX e século XX, todos eles atrelados a temática figurativa e paisagística. Chama à atenção nessa exposição à presença de obra de Jorge de Lima, que tendo obtido grande destaque literário, foi autodidata em pintura na tendência expressionista. No gênero, o evento foi considerado a reunião do que melhor existia em Alagoas (Cármen Lúcia Dantas, 1992).

Ao final do ano, a Pinacoteca é reduzida e remanejada de seu espaço físico, permanecendo, porém, no mesmo prédio. É realizada exposição de sua reabertura em 21.11.1991, ficando até 30.01.1992, porém sem registro dos artistas que participaram, ou maiores informações, a não ser o número de visitantes, 517, conforme livro de presença do período.

Fernando Pontes, artista plástico alagoano, abre a pauta de 1992, em 06.02, com sua primeira mostra individual em Alagoas, com trabalho conceitual e inovador. Tendo estudado nos Estados Unidos, onde cursou Light as Sculpture na New York Experimental Glass Work Shop, baseou seu trabalho na luz neon, em conjunto com outros elementos como o metal prateado e o plástico. A exposição, que recebeu o nome de Instalação e que teve seu encerramento em 21.02, obteve uma expressiva visitação, 331 pessoas, considerando o curto período de permanência.



No decorrer do ano é realizado concurso e conseqüente exposição, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento do escritor Graciliano Ramos, eventos que fizeram parte de simpósio internacional. O concurso, sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura, teve como participantes Lula Nogueira, Ivson Monteiro, Paulo Caldas, Dinah Souza e Silva, Suely Palmeira Bandeira, Carmem Lúcia Omena, Paulo Jorge Freire de Melo, Terezinha Setton, Marcos Aurélio, Gerson Bezerra, Ednilson Salles, Elba Gazzaneo, Antonio Teodósio dos Santos, Fernando Pontes e Delson Uchôa, este não oficializado devido a não entrega em tempo hábil da documentação exigida para a participação. O evento demonstra ainda, nessa fase, a tendência para o costume da exposição temática na produção pictórica alagoana, seguindo também a premiação em direção às obras figurativas, em detrimento de trabalhos mais de vanguarda como o de Fernando Pontes (Célia Campos, 2000).



Fig. 10 - Instalação – Fernando Pontes  
Fonte: Célia Campos, 2000

Os anos que se sucederam até 1995 foram marcados por mostras de pequena duração, espaçadas, relacionadas a temas sobre literatura, a mulher, cultura francesa, ciência e política. Os registros existentes do período são insuficientes para outros esclarecimentos acerca de acontecimentos artísticos, à exceção da exposição de Zafi, Antonio de Souza Filho, com a série Fragmentos, comentada através de texto de Romeu de Mello Loureiro, de dezembro de 1992, que considerou seu trabalho uma abstração figurativa, dentre outras classificações por ele citadas. Essa etapa da Pinacoteca prenunciava mais uma mudança de rumo, ou a retomada de um caminho inicialmente traçado, como poderemos conferir na segunda fase proposta.

## 6 – Segunda fase – 1996 a 2010

A fase que se passa a relatar inicia com o retorno à direção da Pinacoteca do fundador e ex-diretor, Prof. Rogério Gomes, a convite do Reitor Rogério Moura Pinheiro e da Pró-reitora de Extensão, Margarida Maria Silva Santos, para conduzi-la a partir de então. Porém, nesse período a expectativa de Gomes em relação à instituição havia se expandido e, em seu reinício, almejou ver crescer e se consolidar aquele sonho dos anos 80, em analogia a um pai que busca contribuir para o amadurecimento de seu filho, a fim de vê-lo apto para os desafios da vivência humana. Portanto, era necessário dotar a Pinacoteca de meios que levassem à sua expansão e consolidação. Foram mais de três anos perseguindo esses intentos: o retorno ao andar superior do prédio da Praça Visconde de Sinimbu, ocupado quando da sua mudança para o Espaço Cultural Universitário, até a reforma que ampliou suas dependências para exposições em dois grandes salões e um de porte médio, além de área administrativa. Seus objetivos iniciais foram incrementados no redimensionamento do espaço físico para o circuito museográfico, também no propósito do diálogo com instituições congêneres no estado, no país e, se possível, exterior; no enriquecimento e preservação do acervo da instituição, reiterando a divulgação e incentivo ao potencial artístico de Alagoas.

Algumas ações administrativas foram propostas para a reorganização da Pinacoteca como a constituição de Comissão, por meio da Portaria nº 060/96GR, de 22 de março de 1996, para receber e avaliar o patrimônio/acervo. No tocante ao intercâmbio entre instituições foram realizados levantamentos visando identificação dessas no estado e no país, além dos artistas atuantes em Alagoas, com conseqüente elaboração de mala direta.

Durante o período em que esteve fechada para reforma física e planejamento da exposição de reabertura a Pinacoteca participou de ações correlatas ao fazer artístico, em apoio ao Departamento de Artes, além da Pró-reitoria de Extensão, em projetos como o Janeiro no Campus, que buscava realizar eventos diversos no mês de férias acadêmicas, no Campus Universitário, como exposições fotográficas e plásticas, dentre outras participações.

Paralelamente às atividades para as quais era solicitada, em 1999 a direção da Pinacoteca desenvolvia as tarefas pertinentes à mostra inaugurativa que se avizinhava, convidando inicialmente para a curadoria a professora Célia Campos, responsável pela disciplina História da Arte, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Ufal, além de estudiosa e envolvida com as questões artísticas locais. Em virtude de compromissos assumidos anteriormente a mestra declinou do convite, não se furtando, no entanto, em contribuir com nomes que, a pedido de Rogério Gomes, foram solicitados a ela para

participação em encontro com o curador Marcus de Lontra Costa, à época diretor do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, em Recife. Célia Campos desenvolvia com alunos bolsistas e não bolsistas projetos a exemplo da Análise da Produção Artística Contemporânea em Alagoas, que geraram subprojetos como o Núcleo de Arte e Cultura Contemporânea, memória e fonte de dados, o que possibilitou um maior enriquecimento do panorama necessário ao leque de opções artísticas que o curador já dispunha e conhecia. Outra ferramenta utilizada para alcançar maior número de artistas foi a divulgação em jornal de grande circulação local de nota da Pinacoteca Universitária sobre o encontro com o curador, convidando os interessados a comparecer à reunião.

Em setembro desse ano iniciaram-se as visitas de Marcus Lontra à Maceió, mais especificamente aos ateliês dos artistas, buscando contato pessoal e o conhecimento da produção então recente, concomitante às palestras, reuniões e discussões acerca dos parâmetros a serem adotados para a seleção dos trabalhos, com vistas à vertente contemporânea que norteava o enfoque da Pinacoteca Universitária.



Fig. 11 - Enquanto isso, no Universo Paralelo do Mal – Suel  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

Os meses que se sucederam culminaram com sua reabertura e com a exposição que foi intitulada Olhar Alagoas, em 25 de novembro de 1999, com obras de vinte artistas alagoanos, ou radicados no estado, a saber: Augusta Martins, Bárbara Lessa, Beto Normande, Celso Brandão, Delson Uchôa, Dalton Costa, Eva Le Campion, Fernando Honaiser, Glauber Xavier, Lula Nogueira, Kalinka Bueno, Maria Amélia Vieira, Marco Aurélio, Marta Araújo, Reinaldo Lessa, Rogério Liberal, Rosa Maria Piatti, Rosivaldo Reis, Suel e Vera Gama. A seleção dos

artistas procurou oferecer ao público as mais variadas tendências da cena contemporânea da época, valorizando a diversidade de estilos e, mesclando a nomes mais reconhecidos, novos talentos que surgiam.

Foram decisivos os fatores que contribuíram para que essa exposição permanecesse praticamente um ano aberta à visitação, como o sucesso alcançado pela mostra, que resgatou para a comunidade um espaço vital às artes plásticas, disponibilizando um panorama embasado no fazer artístico alagoano. Também o investimento financeiro feito pela Universidade Federal de Alagoas, tanto na ampliação e reforma do espaço físico, dotando-o de iluminação apropriada, climatização dos ambientes, além dos custos pertinentes à realização da exposição (curadoria, montagem, catálogo, etc.) justificaram a permanência.



Fig. 12 - Voo Livre para uma  
Leitura Pessoal – Bárbara Lessa  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

A exposição O Universo de Três Mulheres e Seu Reflexo na Arte Contemporânea abre a pauta de 2001, em 25.01, apresentando os trabalhos de Vera Arruda, estilista, Daniela Aguilar, design e artista plástica, e Jeanine Toledo, artista plástica. A inserção as moda/vestuário como objeto artístico adentra aos salões da Pinacoteca, através de Vera, uma alagoana que foi para Sampa, ampliando para muitos o conceito de arte. A estilista traz para as roupas o mundo colorido das tradições populares do nordeste, do folclore regional, com seus materiais inerentes, como as fitas e fitilhos, o fuxico e as rendas, carregando de brasilidade a concepção estética. Daniela Aguilar, uma mineira que veio para Maceió, em suas criações elaboradas com materiais considerados inservíveis, refugo, como blister de remédios, por exemplo, transforma o inútil em vestidos, casacos e outras vestimentas na

esteira de seu trabalho para figurinos de teatro. Apesar de não tratar da temática que, de certa forma, uniu as outras artistas, Jeanine Toledo, com suas pinturas e máscaras, representou um elo de identidade teatral na expressão dramática de suas composições, no expressionismo revelador da alma humana em suas questões existenciais. A mostra fez parte das solenidades comemorativas do aniversário de 40 anos de criação da Ufal.

Barro Oco, de Eva Le Campion, veio a seguir em abril, exercitando as possibilidades múltiplas de experiências e recursos possíveis com o barro, em pintura-escultura, e remetendo à intemporalidade dessa matéria prima em nossa cultura. A exposição também oferecia aos visitantes a experimentação com o barro, disponibilizado em uma bancada para moldagem de formas e figuras, onde as “esculturas” eram colocadas para secagem e observação. A interatividade foi um dos pontos altos, visto que uma escola de deficientes visuais da capital visitou a mostra com seus alunos que, através do tato, puderam sentir as obras e também manusear o barro.

O design contemporâneo, alçado ao posto de obra de arte, é o tema da exposição Arquitetos e Designers que ocupou, a partir de agosto, o espaço da Pinacoteca, em mais uma demonstração da abrangência do fazer artístico em tempos de contemporaneidade. Nesse contexto dezessete arquitetos alagoanos elegeram peças criadas por dez designers, entre brasileiros e estrangeiros, e as apresentaram de forma criativa e diferenciada, apropriada à observação de um objeto de arte. O período da exposição foi enriquecido por um ciclo de palestras sobre o tema, a exemplo de Eco/design, Design no Artesanato e Empreendedorismo em Design, dentre outras.

A pauta do ano de 2002 inicia-se em abril, com a mostra em memória de Jadir Freire, intitulada O Passageiro da Luz. Baiano de nascimento e andarilho por natureza, Freire, após a infância e adolescência em Salvador, onde absorveu as cores intensas e as festas populares, descobriu no Rio de Janeiro a velocidade da urbe de transformações rápidas. Frankfurt, Berlim, Calcutá, Maceió ou Londres fizeram parte de seu itinerário artístico, tendo procurado falar do mundo em sua breve existência. As obras que compuseram a exposição, telas em sua maioria, foram emprestadas por colecionadores.

Em maio, Fernando Pontes apresenta Bagagem de Mão – Entre o Ir e o Ficar, com texto de apresentação de Célia Campos, membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte. Na mostra predominou a poética do exercício fotográfico, a percepção do movimento, da luz, do espaço urbano e suas cores. Houve a exibição nas paredes da Pinacoteca de locais, como uma estação de metrô em Londres, onde se tinha a impressão/sensação de proximidade na cena e inserção do indivíduo

junto à imagem. Na abertura o artista realizou uma performance utilizando-se da projeção de imagens luminosas no seu corpo em movimento, com uma vestimenta branca, sem nenhuma outra interferência de luz. Apoteótico.

Gilvan Samico, consagrado xilogravurista pernambucano, de longa caminhada, teve suas obras apresentadas ao público nos meses de julho a gosto. O artista, considerado o mais expressivo talento da gravação em madeira no país, desde os mestres Goeldi e Lívio Abramo, contribuiu com o desenvolvimento de uma linguagem plástica, na tradução da arte popular para o código erudito, na passagem do regional ao universal, com alto padrão estético. Afeito às simetrias, seus pavões, bois, ninfas, extraídos das ilustrações dos cordéis nordestinos, são relidos por sua imaginação e obra.

As séries Fachadas e A Casa Acesa, do artista Roberto Lúcio, paraibano radicado em Recife, adentraram aos salões da Pinacoteca em outubro, com texto de apresentação de Marcus de Lontra Costa, tendo sido a primeira citada apresentada no Centro de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, e no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Recife. Os trabalhos, pinturas sobre telas em grandes formatos, tratam de estética construtivista-tosca comum às casas populares, no interior do estado. A série A Casa Acesa, ao contrário de Fachadas, que como o nome denota foca o exterior, penetra no âmago dessas casas, com suas lembranças, brinquedos, objetos utilitários. O ponto de partida foi a última visita feita à residência em que morava quando pequeno, em João Pessoa, levando-o aos elementos que fizeram parte de sua vida, assim como de tantos nordestinos. A mesa posta, a meia-luz, no segundo salão da Pinacoteca, forrado de um tapete de folhas secas, representou para o artista um lugar sagrado da sua memória.

A última mostra do ano de 2002 trouxe a alagoana Marta Araújo, com Entrópicos, e a reflexão sobre o processo de decomposição que rege o universo, dando continuidade ao seu trabalho marcado pela pesquisa sensorial-tridimensional na arte-objeto. A artista se apropriou, na experiência da temporalidade, de chapas de ferro oxidadas pela maresia, de gordura animal e peças defumadas de porco, fazendo o espectador atento refletir, além dos prazos de validade, sobre a duração de uma obra artística. A combinação dos elementos utilizados, pela sua natureza, propiciou a apreciação de uma arte em metamorfose, assim como pode ser o observador que a observa, reage de formas diversas, podendo também ser mutante.

Hércules Mendes, desenhista, chargista, cartunista, caricaturista, dentre outros talentos, abre a pauta de 2003 com a exposição Hércules, a Força do Humor. Trabalhos em bico-de-pena e tridimensionais trataram de temas políticos e sociais brasileiros e estrangeiros, com o humor e crítica peculiares a seu espírito perspicaz e aguçado. O texto de apresentação

coube ao jornalista e chargista, Ênio Lins, que no período da mostra apresentou a palestra O Humor Contra a Guerra.

Em maio é a vez de Suel e Bárbara Lessa dividirem os salões da Pinacoteca, com Olhar Expandido, apresentando suas obras mais recentes. Aparentemente distintos os trabalhos realizados pelos artistas se aproximam conceitualmente na linguagem contemporânea proposta por cada um em seus projetos: Suel e suas telas magníficas em temas, cores e técnica; Bárbara com suas esculturas em ferro/metал/cimento, além de telas, e uma instalação que representava o mapa brasileiro, com pratos disponibilizados nas cinco regiões, com a quantidade presumida de pujança social que a cada uma correspondia, segundo ela. A interseção física da mostra deu-se no segundo salão com o registro da montagem através de fotos, recados, avisos, recortes de jornais e textos alusivos ao processo, colados nas paredes.

A primeira individual de Vera Gama traz Mola aos três salões em outubro, espaço propício aos três módulos propostos pela artista: nascimento, movimento e estado de graça. Esses subtendiam uma sequência, assim como a mola sugere em seu contínuo volteio, como a vivência humana com suas idas e vindas. Através do machê, técnica bem familiar à Vera, e da madeira peças-círculos foram construídas e dispostas no chão e nas paredes, culminando com uma grande esfera branca que, no dia da abertura da exposição, em meio ao efeito do gelo seco remetia os visitantes a uma atmosfera ao mesmo tempo surreal e mágica.

Reinaldo Lessa, outro alagoano em um ano onde os da terra predominaram, encerra a pauta com Paisagens Gerais, tendo texto de apresentação de Marcus de Lontra Costa. A mostra foi composta por pinturas em telas de grandes formatos e um extenso mural de resina acrílica sobre carpete de lã de nylon que recobriu uma das paredes igualmente extensa do terceiro salão. Lessa é considerado um moderno por essência, mas sem se deter em rótulos, escolas e tendências, sendo suas paisagens traduzidas pelo gestual, por formas e texturas aleatórias e orgânicas.

O retorno de Rogério Gomes, que deixa a Pinacoteca Universitária, ao final do ano de 2003, para se dedicar exclusivamente a sua carreira artística, também deixou frutos em dois projetos criados no seu período, mais especificamente em 2000. A Escola Vai à Pinacoteca, então sob a responsabilidade do técnico Maria Christina Cavalcanti Rabelo, visava atender à comunidade estudantil nos diversos graus de ensino, buscando, também, ser uma opção às escolas e seus currículos, no tocante às disciplinas relacionadas à arte, oferecendo espaço apropriado para a complementação da teoria por intermédio da prática. O estímulo ao hábito

de visitação a museus, galerias e espaos afins nortearia esse projeto, aproximando a Pinacoteca de importante público-alvo.



Fig. 13 – Projeto A Escola Vai   Pinacoteca  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

O projeto Amigos da Pinacoteca (Fig. 13), a cargo da servidora Ad lia Amorim, investia-se de um caráter de divulgao das artes em geral, proporcionando à comunidade manifestaes artísticas diversas como música, teatro, dana, estimulando, dessa feita, a assistência a outras formas de expressão. As apresentaes ocorriam durante as exposies, incrementando a visitao, ao tempo em que expandia sua atuao.



Fig. 14 – Projeto Amigos da Pinacoteca  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

O ano de 2004, sob o novo reitorado da professora Ana Dayse Rezende Dorea, assume a direo da Pinacoteca Universitária Ver nica Barros Florêncio, servidora da Ufal, que trabalhou muitos anos com seu antecessor, exercendo funo de assessoramento administrativo e artístico junto ao diretor. Na ocasião convida Maria Christina Cavalcanti Rabelo como vice-diretora, funcionária que atuava na Pinacoteca desde o ano 2000.



A pauta das mostras do ano de 2004 já havia sido trabalhada por Rogério Gomes, no ano anterior, cabendo a nova administração as providências no tocante a sua realização. Nesse ano passaram pelo espaço o pernambucano Marcelo Silveira, março/abril, cujo encerramento da exposição contou com a presença do crítico de artes Moacir dos Anjos, em um Bate-Papo com artistas e interessados; Maria Amélia Vieira, maio/junho, com... e do Barro Foi Feito, trazendo, dentre outras obras, uma velha embarcação barrocamente adornada com rosáceas, estrelas, figuras, além de seus totens; Siloé Amorim, antropólogo e fotógrafo, que transformou sua pesquisa sobre a população indígena no estado em proposta contemporânea, onde não faltaram registros fotográficos, pintura, projeção e até a tradicional dança do Toré, em julho, na mostra Auto- Imagem – Resistência Indígena em Alagoas. Dorian Gray, Selma Bezerra, Isaías Ribeiro e César Revorêdo, quatro artistas potiguares de várias gerações, trabalharam, cada um a seu modo e conforme suas tendências, em Permanência da Paisagem, que ficou em cartaz durante o mês de agosto. Fotografias da alagoana Ana Gláfira e poemas do catarinense Tchello D’Barros dialogaram nos salões da Pinacoteca em setembro/outubro, em Indivisuais: Diálogos Foto-Poéticos, realizando durante seu período mesa-redonda com a participação de artistas e professores. A mostra Pinacoteca Universitária – Uma Trajetória, a partir de dezembro até fevereiro de 2005, proporcionou ao público a exibição das obras do acervo que a instituição vem incorporando, desde os anos 80, por meio de aquisições com recursos da Ufal, convênios e doações, representando a realização de um projeto acalentado de compartilhamento com a comunidade da arte sob sua guarda.

A composição de um Conselho Curador, que assessorasse nas questões artísticas, foi idealizado pela nova direção, sendo formado por Maria Amélia Vieira, artista plástica; Francisco Oiticica, professor e crítico de arte; Ivy Pessôa e Ana Caroline Cavalcanti de Gusmão, arquitetas e professoras de História da Arte; Guido Lessa, Coordenador de Assuntos Culturais/Ufal; Adélia Amorim, misto de cantora e escritora, integrante do quadro da Pinacoteca; Matheus Florêncio, estagiário da área; além da diretora e da vice. A princípio a constituição do Conselho deu-se de maneira informal, o que não representou prejuízo ao seu funcionamento, tendo sido formalizado em 15 de maio de 2006, pela Reitora Ana Dayse Dorea, por meio da Portaria n° 463.

Valdeneis Lopes, aluna da renomada Escola de Artes Visuais Parque Laje, trouxe à Maceió exposição de seus trabalhos em março/abril de 2005, quando propôs também apresentar os rumos percorridos pela EAV em registro fotográfico. O diretor da instituição, Reynaldo Roels Jr, esteve presente ao evento, proferindo palestra na ocasião. Além de telas, a

artista apresentou *seus livros*, composições tridimensionais, fruto da reflexão e não apenas do simples fazer, atitude estimulada pela escola, que visa não apenas formar pintores.

O ano de 2005 traria uma interrupção nas atividades da Pinacoteca, após a exposição de Lopes. Foram detectadas fissuras no teto de gesso, o que poderia ocasionar acidente e mesmo insegurança quanto ao trânsito de visitantes e funcionários. Diante do fato, a Universidade deu encaminhamento às providências para a obra, que também instalaria os sistemas acústico e de iluminação dimerizável nos três salões, modernizando, dessa forma, o espaço. Apesar do empenho da Reitora e da direção da Pinacoteca para a rapidez no procedimento, a obra avançou por todo o ano, tendo em vista imprevistos ocorridos decorrentes do próprio serviço, além do tempo que habitualmente demanda para compra de materiais/equipamentos na esfera pública.

O período, no entanto, foi útil como termômetro para a avaliação positiva do trabalho que vinha sendo desenvolvido pela Pinacoteca, junto à comunidade e aos meios de comunicação, na realização e divulgação dos eventos, visto que matéria foi veiculada, em jornal de grande circulação no estado, sobre a reforma comprovadamente necessária, a lacuna que havia se instalado pela ausência temporária da programação, e a perspectiva da abertura para o cenário artístico e seu público.

Em março de 2006, após a conclusão da obra, com a conseqüente revitalização do espaço físico, ocorre a abertura da mostra da pernambucana Julieta Pontes, sob o título *Matéria Natural*, com curadoria de Ivy Pêsoa. O evento, como esperado, movimentou a cena das artes plásticas, com a reinserção da Pinacoteca no circuito da cidade.

As exposições realizadas a partir desse ano passaram a ser selecionadas pelo Conselho Curador, por meio de edital elaborado pelos membros que o compunham, com critérios e orientações para apresentação dos projetos, facultado ao Conselho o convite, a um ou mais artistas, para expor na pauta anual.

Ocorreram nesse ano mais quatro mostras, tendo sido Rogério Gomes, com *InOut – Vermelho Dominante*, agosto/setembro, e Dalton Costa, com *Entre Sombras....*, outubro e novembro, os artistas convidados. As cerâmicas de Beatriz de Gusmão, e as pinturas/colagens de Cecília Barreiros, em *Figurações do Tempo*, junho/julho, além da última mostra do ano, *Ermo/Desenhos*, com impressionante trabalho de Alexandre Pinto Garcia, executado com caneta esferográfica, e as telas de Elon Constantino, onde o preto e o branco predominavam com suas nuances, em resultado aparentemente simples, porém sofisticado, deram o tom do reinício vigoroso da Pinacoteca Universitária.

Concomitante às exposições foram realizados eventos como o debate sobre o Comércio de Arte em Alagoas, reunindo artistas, críticos e designers, que tratou de vários aspectos relativos ao tema, inclusive da qualidade dos trabalhos adquiridos por órgãos públicos. Também, o I Encontro de Pinacotecas e Núcleos de Arte das Universidades Federais do Nordeste aconteceu em agosto de 2006, nos dias 15 a 17, reunindo em Alagoas os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, objetivando uma maior aproximação e conhecimento mútuo, com troca de experiências. Na ocasião houve apresentação de trabalhos, mesa redonda, debates e a elaboração de documento que registrou a situação das instituições envolvidas, acertos, dificuldades, com propostas de melhoria na execução das atividades. Os participantes tiveram oportunidade de visitar museus e ateliês de artistas da terra, em um circuito cultural.

Em decorrência da mudança do Estatuto e do Regimento da Ufal não foi mais possível a existência formal do Conselho Curador, sendo revogada, em 30.10.2006, a portaria que o instituiu. No entanto, era viável continuar a seleção das mostras por intermédio de um grupo, formado por artistas, professores, críticos e pessoal da Pinacoteca, convidado a compor, a cada ano, o que passou a se chamar Comissão de Pauta, formato adotado até os dias atuais.

Delson Uchôa, artista que rompeu com sua arte os limites territoriais alagoanos, abriu o ano de 2007, em março, como convidado, após dez anos sem expor no estado. Em seguida, deu passagem, em maio, à dupla Suel e Viviane Duarte; aos paraibanos Chico Pereira e Raul Córdula, em agosto; e aos voos-solo da convidada Maria Amélia Vieira, outubro; e do alagoano radicado no Rio de Janeiro, Carlos Otávio Fiúza, em novembro.

Em agosto desse ano realizou-se na Pinacoteca Universitária um curso de História da Arte, promovido em parceria com o Itaú Cultural, produto do Projeto Rumos Itaú Cultural Artes Visuais. Durante três dias foram abordados assuntos relacionados aos antecedentes da arte moderna, das vanguardas às primeiras bienais, e sobre a arte contemporânea, pelos palestrantes Jorge Coli, Stella de Barros e Fernando Cocchiarale. O público inscrito abrangia estudantes, professores, artistas e atingiu seus objetivos pelo nível de interesse e frequência. Eventos como esse e outros, que fizeram parte do histórico da instituição, reafirmaram a importância e seriedade do trabalho realizado pela Pinacoteca, ao longo dos anos, contando, inclusive, com o apoio permanente de empresas locais, como as Casas Jardim, do ramo de tintas e seus derivados, que fornece o material necessário a cada exposição, desde 1999, para a pintura das paredes, conforme a indicação do artista que irá expor.

Ao final de 2007 a Pinacoteca Universitária seria informada, pela Fundepes, que o projeto submetido ao Banco do Nordeste para Adaptação do Espaço para Reserva Técnica

havia sido contemplado no Programa BNB de Cultura – Edição 2008. A notícia trouxe grande satisfação à equipe, visto que a obra proporcionaria a adequada guarda e manutenção do acervo artístico, evitando possíveis danos e deterioração, representando a realização de mais um dos objetivos para a modernização do espaço.

O pernambucano Paulo Bruscky, convidado de 2008, iniciou a pauta em março com a mostra *Work in Progress e Objetos Inúteis*, que trazia sua produção dos anos 70 até então. A fotografia foi a técnica utilizada nas duas exposições que se seguiram, reforçando o seu papel no fazer artístico contemporâneo: *Labor*, maio/junho, de Nímia Braga, paraguaia que veio para Maceió em 1976; e *Lugares Comuns ou Vazios Encenados*, agosto/setembro, de Renata Voss. Após, em outubro/novembro, Fernando Gurgel e sua série *Nós* trazem à Maceió seus trabalhos marcados pelo branco, preto e cinza, com o apuro técnico de seus recortes e colagens. Nossa História, segunda exposição do acervo, na gestão de Verônica Florêncio, e última do ano, marcou também sua despedida da Pinacoteca, em virtude de aposentadoria na Ufal, encerrando ciclo que se destacou pela valorização do servidor técnico à frente deste equipamento cultural, antes só administrado por artistas.

A partir de 2009, até os dias atuais, assume como diretora Geísa Brayner, arquiteta e professora aposentada do curso de Arquitetura da Ufal, mantendo como vice-diretora Maria Christina Cavalcanti. Também vem se incorporar à equipe, formada por Dênia Maria Costa de Lucena, Nélia Alcy Rocha e Maria Andréa Lopes Duarte, a museóloga Tatiana Almeida, que passou a ser responsável pela organização do acervo, área da sua competência.

O curso de Artes Visuais Contemporâneas e Políticas Públicas, resultado do projeto da Pinacoteca em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura – Secult, selecionado pela Funarte/Minc, por meio do Edital Rede Funarte de Artes Visuais – 2008, ocorreu no período de 18 de março a 09 de abril de 2009, embora, a princípio, seu período fosse de 17 de novembro a 03 de dezembro de 2008. O público-alvo, formado por professores da rede pública e privada, dos diversos níveis, assistiu a palestras, aulas e participou de debates a cargo dos professores Ana Caroline de Gusmão, Francisco Oiticica, Rogério Gomes (AL), e Francisco Pereira (PB), sob a responsabilidade da Pinacoteca; e Oswaldo Viégas, Secretário de Cultura, Álvaro Otacílio, Sub-Secretário e Maria do Socorro Lamenha, arquiteta e professora de História da Arte, pela Secult.

A mostra fotográfica dos 50 anos da Comissão Fulbright no Brasil, extra-pauta, ocorreu no período de 11 a 28 de fevereiro, por solicitação de seus representantes, nos salões da Pinacoteca. Após, a nova gestão, respaldada na seleção das exposições pela Comissão de Pauta para o Edital 2009 e nos convites feitos, apresentou a individual de Lula Nogueira e sua

Arte Naif, em março, à convite e um dos recordes de público; as simultâneas de Francisco Oiticica, com um trabalho de fotógrafo, pintor, documentarista, segundo texto da mostra, e da matogrossense Ana Ruas e suas intervenções urbanas, em maio; de Felipe Camelo e Ana Rosa, em julho, fotografando a urbe em sutilezas, belezas e também mazelas. A pernambucana Alice Vinagre e seus módulos intercambiáveis chegam, em setembro, dando ao espaço expositivo a sua configuração local.

A coletiva dos artistas convidados Daniela Aguilar, com nova grafia, Rogério Gomes e Vera Gamma, com os dois m, Essa Rua é Nossa, trazia para o público, em novembro, os frutos da experiência vivida pelo três no atelier Galpão 72, em um trabalho de reciprocidade e de inclusão social pela arte, com jovens e crianças da comunidade do verde, no bairro de Jaraguá.

No decorrer do ano foi executado o projeto de Adaptação da Reserva Técnica, aprovado pelo BNB em 2007, mas que, em virtude de questões burocráticas do financiador, só teve a verba disponibilizada em 2009. A reformulação do projeto também se fez necessária para atender de forma mais satisfatória a guarda das obras, que variam entre pinturas, desenhos, instalações, fotografias e esculturas, tendo sido concluído o espaço em novembro. Vale ressaltar que o acervo foi constituído, além das aquisições e convênios, com doações dos artistas expositores.

O ano de 2010 iniciava-se promissor, tanto para as exposições que seriam realizadas, quanto em relação aos projetos que já vinham sendo gestados, ou fruto de planos inovadores para a Pinacoteca; um desses, o planejamento de um salão de exposição permanente para o acervo, acalentado desde o início da nova gestão. O marco inicial de sua realização deu-se com a visita da professora da Universidade Federal da Bahia, a arquiteta Alejandra Muñoz, para a consultoria sobre o projeto expográfico e, oportunamente, curadoria da mostra.

A elaboração de um catálogo, inicialmente contendo as exposições compreendidas entre os anos de 2001 a 2007, e que havia sido pleiteado anteriormente, tomou corpo com a obtenção do patrocínio da Brasken, para a publicação de mil exemplares, contendo fotos e textos curatoriais das mostras, agrupadas anualmente. Durante esse processo, que tomou todo o ano, tornou-se possível a inclusão dos anos de 2008 e 2009, enriquecendo a publicação.

A Comissão de pauta selecionou para o período os grupos O Coletivo, que reunia participantes de Maceió, São Paulo e Bogotá e o alagoano Taba-ê-tê, com as exposições Paisagem e Gesto, respectivamente, em junho/julho; as individuais simultâneas de José Paulo, Para Nunca Mais me Esquecer; Paulo Meira, O Marco Amador; e Rodrigo Braga, Desejo

Eremita, apresentadas pela Galeria Amparo 60, de Recife, agosto/setembro; e Eva Cavalcante que, finalizando a pauta inaugura, em novembro, Um Certo Olhar Cavalcante.

Quanto a outras atividades, a Pinacoteca promoveu com a professora doutora Raquel Movskowitz, da UFRJ, em 05 de novembro, a palestra Suspiros e Mistérios de uma Filosofia da Arte, aberta ao público interessado; e o curso O Mundo das Redes e das Cibermarés: 4 reflexões sobre a internet na vida cotidiana, ministrado pelo professor doutor Dilton Maynard, da UFS. O referido curso foi resultado da parceria com a Fundação Joaquim Nabuco, ocorrendo no período de 23 a 26 de novembro.

No tocante aos convites, a Pinacoteca Universitária convocou Clarissa Diniz e Bitu Cassundé a fim de realizar a curadoria da exposição, que viria a se chamar Refrações, abrindo a pauta em 30 de março, apresentando um panorama da contemporaneidade em Alagoas. Para tanto, os curadores se debruçaram sobre a arte alagoana, por intermédio da literatura existente, visitas aos artistas em seus ateliês, e entrevistas nas vindas à Maceió. Artistas talentosos e de gerações distintas como Francisco Oiticica, Renata Voss, Lucas Barros (apt.401), Marta Emília, Suel, Vera Gamma, Daniela Aguiar, Paulo Santo, Pedro Lucena, Saudáveis Subversivos (coletivo), Ana Gláfira, Tchello D'Barros e Eva Cavalcante se entrelaçaram em ambientes conceitualmente agrupados, tendo como matrizes refratárias os veteranos Celso Brandão, Delson Uchôa, Martha Araújo e Rogério Gomes. A mostra repercutiu de forma bastante satisfatória junto ao público, não tendo a pretensão de uma retrospectiva e, sim, oferecer um paralelo entre convergências e trajetórias.



Fig. 15 – Exposição Refrações  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

## 7 – Considerações finais

A Pinacoteca Universitária, que completou seus trinta anos em 2011 em pleno processo de consolidação, vem cumprindo seu papel de divulgar a arte contemporânea, buscando oferecer ações correlatas como cursos, debates, visitas agendadas e outros eventos que contribuam para o enriquecimento do fazer artístico e do papel educativo que lhe cabe.

Em comemoração às três décadas de existência lançou o catálogo Pinacoteca Universitária na Arte do Século XXI, que acompanha esta monografia a título de complementação ilustrativa, contendo o conjunto das mostras compreendidas entre 2001 e 2009, registrando as exposições havidas na primeira década do século, com os recursos disponíveis pelo patrocínio da Braskem. Ainda na esteira das comemorações proporcionou uma mesa-redonda, aberta ao público, com os fundadores da Pinacoteca, ex-diretores e atual gestão, para troca de relatos e experiências vivenciadas, tendo sido gravados depoimentos dos gestores sobre acontecimentos e expectativas de suas respectivas administrações.

A necessária informação do que ocorre no tocante à arte contemporânea levou a Pinacoteca, representada pela atual direção e vice-direção, às duas últimas bienais internacionais de São Paulo, com o intuito de observar e conhecer obras e artistas que representam o atual momento artístico. Na ocasião da 29ª Bienal estiveram presentes à abertura da exposição do artista alagoano Rogério Gomes, no Memorial da América Latina, bem como visitaram a Pinacoteca do Estado e o Instituto Tomie Otake.

O acervo composto por cento e trinta e oito obras, até o momento, prossegue sendo organizado, preservado e acrescido, a cada exposição, pelos trabalhos dos artistas selecionados por intermédio da Comissão de Pauta. O salão para exposição de longa duração encontra-se em fase de preparação e adequação física, com previsão de abertura até o final de 2013. Porém, parte deste acervo foi exposto ao público no evento da Universidade Federal de Alagoas – Congresso Acadêmico Integrado – em parceria com a Galeria de Arte do Centro de Estudos Superiores de Maceió – Cesmac, no Centro de Convenções e Exposições Ruth Cardoso, em abril.

A pauta do ano em curso se iniciou com certo atraso, em 25 de abril, devido à reforma de alguns setores da Pinacoteca, em virtude da acessibilidade que os espaços, principalmente públicos, devem oferecer. As instalações administrativas também passam por melhorias, a fim da modernização do setor. A mostra de abertura foi Totem e Cetim, do artista convidado Roberto Lúcio, paraibano radicado em Recife. Dono de extenso percurso artístico, após dez

anos de A Casa Acesa na Pinacoteca, o artista traz as obras que fizeram parte da mostra no Santander Recife, adequando-as ao espaço alagoano.



Fig. 16 – Exposição Totem e Cetim  
Fonte: Acervo Pinacoteca Universitária

O empenho da equipe permanece focado, dentre outros propósitos, em tornar a Pinacoteca cada vez mais conhecida e frequentada, até por representar, praticamente, o único espaço disponível à arte contemporânea em um estado em que muitos ainda a desconhecem por questões socioculturais, desinteresse ou desinformação, apesar do trabalho de divulgação ser feito, a cada mostra, junto aos meios de comunicação, redes sociais, emails, além de uma mala direta com a expedição de mais de oitocentos convites. Apesar das dificuldades inerentes a quem lida com cultura e educação no país, a visitação em 2012, abrangendo estudantes, professores, artistas, e público em geral, chegou à marca de cinco mil cento e dezesseis visitantes, em cinco mostras realizadas.

O tempo não para, como bem falou o compositor Cazuza em sua canção, e os projetos e planos para a Pinacoteca pretendem continuar percorrendo esses tempos, sempre buscando uma instituição inserida na vida da cidade e das pessoas, sólida, atualizada, democrática, artística e educacionalmente. O papel da arte, embora tenha sido diferenciado em diversas etapas da humanidade, é hoje, substancialmente, o da reflexão, embora a beleza e a emoção nunca venham ser excludentes. Achar o belo e o sentimento, da forma que cada um percebe, é tarefa que cabe a todos, educadores, artistas, crianças e jovens, adultos ou idosos, humanizando o mundo, dentro de nós, em cada obra de arte.



## REFERÊNCIAS

BERNARD, Ben-Hur. Os ramos da arte contemporânea em Alagoas. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 05 nov.2011. Caderno Saber, p.08

CAMPOS, Célia. *Uma Visualidade: trajetória e crítica da pintura alagoana: 1892-1992*. Escrituras Editora. São Paulo, 2000. 167p.

DANTAS, Cármen Lúcia. *Pinacoteca Universitária: uma trajetória de arte: 1981-1991*. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 1992. 48p.

INSTITUTO DE GESTÃO EDUCACIONAL SIGNORELLI. *Arte, Mídia e Fundamentos da Comunicação*. Rio de Janeiro, 2008. 45p.

\_\_\_\_\_. *Didática do Ensino Superior*. Rio de Janeiro, 2008. 81p.

\_\_\_\_\_. *Estética e História da Arte*. Rio de Janeiro, 2008. 73p.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da Educação e Arte Terapia*. Rio de Janeiro, 2008, 52p.

\_\_\_\_\_. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Rio de Janeiro, 2008. 81p.

\_\_\_\_\_. *Oficina de Artes*. Rio de Janeiro, 2011. 51p.

OLIVEIRA, Clevis. Novo fôlego para a vanguarda. *O Jornal*, Maceió, 12 fev.2006. Caderno Dois, p. B1.

PINACOTECA UNIVERSITÁRIA. *Catálogo da Exposição: Olhar Alagoas – Arte Contemporânea*. Maceió, 2000. 40p.

## **ANEXOS**